Outro Reino (E.M. Forster)

Tradução e prólogo de Vinícius Ritter, sob orientação de Rosalia Angelita Neumann Garcia. Revisão de tradução: Liziane Kugland de Souza

Autor inglês dos romances *Um Quarto com Vista* (1908), *Howards End* (1910) e *Maurice* (1971), E.M. Forster (1879—1970) levou a visão humanista consigo por onde passava. Era crítico da sociedade inglesa, em especial da família como instituição e do relacionamento sistemático e mecanizado entre indivíduos, sempre apontando as consequências de um mundo cada vez mais consumista. Para abranger tais temas, Forster utilizava o simbolismo durante o texto como recurso mitigante dos pequenos golpes dados, em especial, no leitor inglês, e o mundo fantástico para tornar físico os sentimentos fortes das personagens. Na coletânea *The Celestial Omnibus and Other Stories* (1911), a mitologia grega com frequência se vê justaposta com a cristã. Em *Outro Reino*, conto aqui traduzido, o romance entre o inglês Sr. Affluent e a irlandesa Srta. Beaumont, personagens inspirados no mito grego de Apolo e Dafne, simboliza a possessão justificada pela turbulenta questão geopolítica da Inglaterra/Irlanda e pela relação homem/mulher. O mito da ninfa Dafne (Srta. Beaumont) nos conta sobre quando ela foi atingida por uma flecha de chumbo do deus Apolo (Sr. Affluent) para induzi-la ao amor. O ato falhou e, infestado com a rejeição, Apolo transforma Dafne em um loureiro, a árvore sagrada cujos ramos ele carrega sempre consigo, pois seria a única maneira de mantê-la ao seu lado.

Os maiores desafios durante a tradução do conto foram dois: os nomes dos personagens e a descrição do cenário. Em inglês, o sobrenome da família principal "Affluent" é "Worters", utilizado em jogos de palavras dentro da história junto do nome da personagem "Ford", traduzido como "Vau" para manter a alusão ao tema da água e possibilitar a passagem das brincadeiras da Srta. Beaumont. A maior dificuldade com relação ao sobrenome foi a sonoridade de "Worters", que em inglês soa muito parecido com "Waters". Com isso em mente, em primeiro lugar foi preciso achar uma palavra estrangeira (não-inglesa) que remetesse à água, que fosse um sobrenome reconhecível e que parecesse com uma palavra em português. Como a origem alemã do sobrenome no original não fica em evidência na história, tomei a liberdade de procurar sobrenomes em outras línguas, como espanhol, italiano e francês, mais próximas do português, até que a palavra francesa "Affluent" apareceu e caiu como uma luva remetendo a "afluente" na nossa língua. Quanto ao cenário, as cenas de transformações metamórficas e fantásticas entre o bosque e as personagens requereram um cuidado especial devido à sua força, estilo e fluidez, aspectos esses importantes para Forster na construção de um conto com início brando até o ponto de erupção da trama. No texto em inglês também existe a peculiaridade de usar o travessão longo para pausas ou interrupções, escolha feita pelo autor no decorrer de todos os contos no livro, para, ao que

me parece, evidenciar tais momentos, e por esse motivo resolvi manter o mesmo travessão no português. Os diálogos estão em aspas, também como no texto fonte, pois preferi manter o travessão com a única função de pausa, já que as aspas não têm um papel forte no decorrer do conto.

Gostaria de agradecer a Profª Drª Rosalia Neumann Garcia por me orientar na tradução do livro completo nesse último ano e a Liziane Kugland pela revisão pontual do texto e pelas ótimas propostas de melhoria que adotei no produto final. E também à Society of Authors e à King's College da Universidade de Cambridge pela cessão dos direitos autorais para esta publicação.

Outro Reino

O texto utilizado como fonte para esta tradução está disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/34089/34089-h/34089-h.htm>. Traduzido estritamente para fins pedagógicos e científicos; esta publicação não tem fins lucrativos. A permissão do grupo The Society of Authors, responsável pelo patrimônio intelectual de E.M. Forster, foi obtida por escrito. Website do grupo detentor dos direitos autorais: <http://www.societyofauthors.org>.

I

"*Quem,* de quem; *fugis*, foges; *ab demens,* seu paspalho; *habitarunt di quoque*, os deuses também viveram em; *silvas*, bosques. Comecem!

Eu sempre gracejo dos clássicos—faz parte de mim—e, portanto, traduzi *demens* por "paspalho". Tendo isso em mente, a Srta. Beaumont não precisava ter anotado a tradução, e Vau deveria saber a inutilidade de repetir depois de mim. "De quem foges, seu paspalho, os deuses também viveram em bosques."

"Cer—to," respondi com uma hesitação erudita. "Cer—to. *Silvas*—bosques, campos arborizados, geralmente no interior. Certo. *Demens,* é claro, vem de demência, não 'de mês'. 'Oh, ser ignorante! Ouça-me, até mesmo os deuses já habitaram os bosques.'"

"Pensei que os deuses sempre morassem nos céus," disse a Sra. Affluent, interrompendo a nossa aula pelo o que imagino ter sido a vigésima terceira vez.

"Não necessariamente," respondeu a Srta. Beaumont. Ao repetir a frase, ela usou "ser ignorante" como uma alternativa para "paspalho".

"Sempre pensei que eles morassem nos céus."

"Não mesmo, Sra. Affluent", a garota repetiu. "Nem sempre." E depois de achar o que queria no livro em mãos, leu o seguinte: "Deuses. Onde. Deidades soberanas—Monte Olimpo. Pã—maioria dos lugares, como diz o nome. Oréades—montanhas. Sirenas, Tritões, Nereidas—água (salgada). Náiades— água (doce). Sátiros, Faunos, etc.—bosques. Dríades—árvores."

"Muito bem, minha cara, você aprendeu bastante. Então agora me diga o que isso lhe trouxe de bom?"

"Me ajudou—" disse a Srta. Beaumont titubeante. Ela tinha muito apreço pelos clássicos. E desejava conseguir dizer o que eles haviam lhe trazido de bom.

Vau tentou intervir, "Óbvio que lhe ajudaram. Os clássicos são cheios de pistas. Eles nos ensinam como fugir de algumas coisas."

Implorei ao jovem que não fugisse da nossa aula sobre o Virgílio.

"Mas é verdade!" exclamou. "Imagine se aquele bruto do Apolo de cabelos longos quiser lhe dar uma aula de música. É só sair correndo para dentro de um loureiro. Ou então surge a Natureza Universal. Você também pode não estar tão interessado na Natureza Universal, então é só se transformar em um monte de juncos.

"O Jack está brabo?" perguntou Sra. Affluent.

No entanto, Srta. Beaumont entendera as referências—que eram bastante inteligentes, devo admitir. "E Creso?" ela indagou. "No que devemos nos transformar para fugir de Creso?"

Apressei-me em endireitar a colocação dela. "Midas, Srta. Beaumont, não Creso. É ele quem lhe transforma—você não se transforma em nada. Ele a transforma em ouro."

"Não tem como escapar do Midas," disse Vau.

"Evidentemente—" disse Srta. Beaumont. Ela aprendia latim há não mais de um mês, mas se punha a corrigir o régio professor.

Ele começou a provocá-la. "Ah, é impossível escapar das mãos de Midas! Ele apenas vem, a toca, e você de imediato tem o seu valor multiplicado por mil. Você vira ouro—uma jovem garota de ouro–se ele a tocar.

"Não serei tocada!" ela gritou, recaindo à frivolidade de sempre.

"Ah, mas ele vai, sim, tocá-la."

"Não irá!"

"Vai."

"Não!"

"Ele vai."

Srta. Beaumont agarrou o livro de Virgílio e golpeou Vau na cabeça.

"Evelyn! Evelyn!" disse a Sra. Affluent. "Não esqueça dos modos. E você também esqueceu da minha pergunta. O que latim lhe trouxe de bom?"

"Sr. Vau—o que latim lhe trouxe de bom?"

"Sr. Inskip—o que latim nos trouxe de bom?"

Então me vi diante da controvérsia clássica. As razões para o estudo de Latim são muito coerentes, mas são fáceis de esquecer, e o sol da tarde queimava, e eu precisava do meu chá. Porém, tinha que justificar meu posto de mestre e, então, tirei meus óculos, dei uma baforada neles e disse "Meu caro Vau, que pergunta é essa!"

"O Jack eu entendo," disse Sra. Affluent. "O Jack tem que passar no exame de admissão. Mas o que Evelyn ganha com isso? Nada."

"Engana-se, Sra. Affluent," persisti enquanto apontava meus óculos para ela. "A Srta. Beaumont é—de certa maneira—nova em nossa civilização. Ela está começando, e latim é uma das disciplinas presentes no exame de admissão dela. Ninguém consegue compreender a vida moderna sem o conhecimento sobre o que a originou."

"Mas por que ela deveria compreender a vida moderna?" disse a mulher enfadonha.

"Pronto, eis a resposta da sua própria pergunta!" retruquei e fechei meus óculos com um movimento.

"Sr. Inskip, não tenho resposta alguma. Diga-me o que isso tudo traz de bom. Ah, eu mesma também já passei por tudo isso: Júpiter, Vênus, Juno, sei de todos eles. E também sei muito de histórias deveras impróprias."

"A educação clássica," disse friamente, "não está confinada apenas à mitologia. Apesar de até mesmo a mitologia ter seu valor. Sonhos, se assim você quiser chamar. Mas existe certo valor em sonhos."

"Também tenho sonhos," disse a Sra. Affluent, "porém não sou tola para sair por aí contando tudo.

Por clemência divina, fomos interrompidos. Uma voz grave e viril logo atrás de nós exclamou: "Alimentem seus sonhos!" Nosso anfitrião veio nos fazer companhia. Tratava-se de Harcourt Affluent—filho da Sra. Affluent e noivo da Srta. Beaumont. Meu patrão e responsável legal de Vau: Devo tratá-lo por Sr. Affluent.

"Alimentemos nossos sonhos!" repetiu. "Estive lutando, regateando e barganhando o dia inteiro. E vir aqui para este quintal e ver todos vocês aprendendo latim, tão felizes, tão tranquilos, tão arcádicos——"

Ele não terminou a frase, mas se sentou na cadeira ao lado da Srta. Beaumont e se apossou da mão dela. Nisso, ela disse no seu sotaque cantado: *"Arr, seus deuses basbaques viverrram em bosques"*

"Ora, o que temos aqui?" perguntou Sr. Affluent um pouco incomodado.

Com a outra mão ela apontou para mim.

"Virgílio—" balbuciei. "Tradução informal——"

"Ah, entendi; uma tradução informal de poesia." Então, voltou a sorrir. "Talvez, se deuses vivem em bosques, seja essa a razão para tamanha preciosidade. Há pouco comprei o Bosque d'Outro Reino"

Todos comemoraram com entusiasmo. De fato, as faias naquele bosque são tão boas quanto qualquer uma em Hertfordshire. Além disso, ele e a pradaria ao lado causavam uma fenda horrenda na silhueta circular da propriedade da família Affluent. Portanto, estávamos todos muito felizes que o Sr. Affluent havia comprado Outro Reino. Apenas Vau permanecia em silêncio, afagando a cabeça onde havia sido atingido pelo livro enquanto sorria para si mesmo.

"Julgando pelo preço pago, deveria ter um deus dentro de cada árvore. Porém, desta vez o preço não teve importância." Ele olhou para a Srta. Beaumont.

"Você admira faias, não é mesmo, Evelyn?"

"Sempre me esqueço quais elas são. São essas?"

Ela jogou os braços por cima da cabeça e os juntou para que parecesse uma coluna alongada. Então, com o balançar do corpo, o delicado vestido verde estremeceu de cima a baixo, parecendo com infinitas folhas.

"Minha pequena!" gritou o seu amado.

"Não. Esse é um vidoeiro-branco", disse Vau.

"Ah, mas é claro. Que tal assim, então?" E ela agarrou todas as camadas da saia que estava usando para que ficassem dispersas em grandes camadas horizontais como os ramos de uma árvore de faia.

Viramos para a casa, mas nenhum dos empregados estava olhando, então rimos e dissemos que ela deveria participar do teatro de variedades.

"Ah, essa é uma que eu gosto!" ela exclamou e demonstrou a árvore de faia mais uma vez.

"Achei que fosse," disse o Sr. Affluent. "Bem achei que fosse. O Bosque d'Outro Reino é todo seu."

"Meu——?" Ela nunca havia recebido um presente assim na vida, não era capaz de compreender.

"A compra será feita em seu nome. Você irá assinar a escritura. Aceite esse bosque, com todo meu amor. É o meu segundo anel de noivado para você."

"Mas——mas é meu? Posso—fazer tudo o que eu quiser lá?"

"Pode", disse o Sr. Affluent com um sorriso.

Ela correu até ele e o beijou. Beijou a Sra. Affluent e beijaria até a mim e a Vau se não estivéssemos atravancando a aproximação com os cotovelos. A alegria com a nova propriedade havia lhe subido à cabeça.

"É meu! Posso caminhar lá, trabalhar lá, viver lá. Um bosque só para mim! Meu para sempre."

"Seu, para sempre, por noventa e nove anos."

"Noventa e nove anos?" Temo dizer que havia uma pitada de decepção na voz dela.

"Minha querida! Você espera viver mais que isso?"

"Imagino que eu não possa," respondeu corando um pouco o rosto. "Não sei."

"Noventa e nove anos parece tempo suficiente para a maioria. Essa casa e até mesmo esse jardim em que pisa estão arrendados por noventa e nove anos. Ainda assim, posso considerá-los meus, e com razão, não?

"É claro."

"Noventa e nove anos é praticamente para sempre, né?"

"Ah, imagino que sim."

Vau possui um caderno bastante perturbador. Do lado de fora, está escrito "Confidencial", e dentro consta a manchete "Praticamente um livro". Nesse momento, vi-o anotar um novo verbete — "Eternidade: praticamente noventa e nove anos."

O Sr. Affluent, como se falasse sozinho, observou: "Meu deus! Credo! Como o preço dos imóveis subiu! É inacreditável."

Vendo o quanto ele precisava de fato de uma validação, perguntei: "Ah, é mesmo?"

"Meu caro Inskip. Adivinhe por quanto eu poderia ter comprado aquela terra há dez anos! Mas eu recusei. Adivinhe o motivo."

Não conseguimos descobrir o motivo.

"Porque a transação não teria sido correta". Um rubor de decência tomou conta do rosto dele ao pronunciar a nobre palavra. "Nem um pouco correta. Legalmente, correta. Mas

não de acordo com a moral. A teríamos tomado das mãos do homem que a possuía. Recusei. Os outros—rapazes decentes da maneira deles—chamaram-me de escrupuloso. Disse 'Sim. Talvez eu seja. Meu nome é simples, Harcourt Affluent—nenhum nome famoso fora da cidade ou até mesmo em meu próprio país, mas um nome que, tenho orgulho em dizer, carrega, onde é conhecido, certo peso. Podem dizer que sou cheio de escrúpulos, mas não assinarei nada. É uma mania minha. Apenas uma mania, digamos assim.' E corou novamente. Vau crê que o responsável dele cora por tudo—se tivesse como despi-lo e fazê-lo falar de forma pomposa, pareceria com uma lagosta no vapor. Há um desenho dele nessas condições no caderno.

"Então o dono de antes não é mais dono de lá?" perguntou a Srta. Beaumont, que ouvia com certo interesse.

"Não, não." respondeu o Sr. Affluent.

"Ah, mas é claro!" disse a Sra. Affluent um pouco distraída enquanto ia à caça das agulhas de tricô na grama. "É claro que não. Pertence à viúva."

"Chá!" gritou o filho ao levantar bruscamente. "Vejo chá e quero tomá-lo agora mesmo. Venha, mãe. Você também, Evelyn. Um dia difícil nessa batalha que é a vida não tem graça nenhuma. Pois que a vida é praticamente uma batalha. Para todos os efeitos práticos, uma batalha. Exceto para alguns sortudos que leem, e assim escapam da realidade. Eu, porém——"

A voz dele foi se esvaindo enquanto escoltava as duas mulheres pelo agradável quintal até os degraus de pedra que levavam para o terraço, onde um criado organizava mesas, cadeiras e um suporte para chaleira de prata. Mais mulheres saíram de dentro da casa. Conseguíamos ouvir os gritos de felicidade quando souberam da compra de Outro Reino.

Gosto do Vau. O garoto tem tudo para ser um intelectual e—apesar de ele, por alguma razão, desgostar do termo—um cavalheiro. Admirava-me ver como desdenhava das coisas com o vago cinismo da juventude. Ele não é capaz de entender o porquê do criado e do suporte de prata de lei. E vocifera contra eles. Pois ele tem sonhos—não espirituais: deixamos esses para o Sr. Affluent—mas sim sonhos tangíveis e consistentes que o levam não até os céus, mas até outra terra. Não há criado algum nessa outra terra, e os suportes para chaleira, imagino, não são feitos de prata, e sei que todas as coisas serão elas mesmas de fato, não praticamente outras. Mas o significado disso, se isso significar algo de verdade, e o que isso traz de bom, não tenho como dizer. Pois apesar de ter recém dito "existe certo valor em sonhos", eu dissera isso apenas para silenciar a velha Sra. Affluent.

"Vá em frente, meu caro! Não podemos tomar chá sem antes encontrar algum desafio."

Ele virou a cadeira de costas para o terraço para que pudesse olhar para a pradaria, para o riacho que corre por ela e para as faias de Outro Reino que surgem além do riacho. Então, admirável e solene, começou a interpretar as Éclogas de Virgílio.

II

O Bosque d'Outro Reino é como qualquer outro bosque de faias, e por conta disso me pouparei do trabalho de descrevê-lo. E o riacho que corre na frente dele, como muitos outros, não conta com uma ponte em um lugar conveniente, então para atravessar se deve fazer a volta de dois quilômetros a pé ou remar. A Srta. Beaumont sugeriu remar.

O Sr. Affluent aceitou a sugestão inquieto. Só depois de um tempo ficou óbvio que não iria fazê-lo.

"Que alegria! Que alegria! Remaremos até o reino. Não fosse—não fosse o chá..."

"Mas você pode carregar tudo nas costas."

"Mas é claro! Posso, sim. Ou talvez os criados,"

"Harcourt—sem criados. Este é o meu piquenique, e este é o meu bosque. Cuidarei de tudo sozinha. Não lhe falei, mas já peguei toda a comida. Fui ao vilarejo com o Sr. Vau."

"Ao vilarejo——?"

"Isso mesmo. Compramos biscoitos, laranjas, duzentos gramas de chá e deu. Ele carregou tudo e fará o mesmo para atravessar o riacho. Preciso apenas que me empreste o jogo de chá—algum mais velho. Cuidarei bem dele. Isso é tudo."

"Minha querida...."

"Evelyn", disse a Sra. Affluent, "quanto vocês pagaram por esse chá?"

"Dez pence pelos 200 gramas."

A Sra. Affluent recebeu a resposta em silêncio amuado.

"Ah, mãe!" gritou o Sr. Affluent. "Como pude me esquecer? Não tem como remar com a mãe aqui!"

"Oh, mas poderíamos carregá-la, Sra. Affluent."

"Obrigada, minha querida. Tenho certeza que você conseguiria."

"Oh não! Evelyn. A mãe está rindo de nós. Ela morreria antes de ser carregada. E que má sorte! Tem as minhas irmãs e a Sra. Osgood, que está com um resfriado, mulher tediosa. Não, teremos de dar a volta pela ponte."

"Mas alguns de nós——" começou Vau, que foi interrompido pelo olhar fatal do Sr. Affluent.

Então, demos a volta—uma procissão de oito pessoas com a Srta. Beaumont como guia. Ela era muito divertida, pelo menos era o que eu achava na época até analisar as falas dela e não achar nada de especial. Era sempre algo do tipo: "Fila única! Finjam estar na igreja e permaneçam em silêncio. Sr. Vau, ande sem fazer barulho. Harcourt—ofereça um pouco de chá para a Náiade quando chegarmos à ponte. Ela está com a mesma dor de cabeça há dezenove séculos." Tudo que dizia era bem tolo. Não sou capaz de entender porque gostava na época.

Ao nos aproximarmos do bosque, ela disse: "Sr. Inskip, cante, e então cantaremos junto: *Arr, seus deuses basbaques viverrram em bosques.*" Limpei a garganta e soltei a frase execrável, e então todos cantarolamos em forma de litania. Havia algo de atraente na Srta.

Beaumont. Não me surpreendia nem um pouco que fora escolhida por Harcourt dos confins da "Irlanda" e trazida para casa junto dele, mesmo sem dinheiro, associações, e quase sem precedentes, para o matrimônio. Era audacioso da parte dele, mas era assim que ele se via. Ela não tinha nada para oferecer; mas ele podia arcar com isso, pois sobrava-lhe riqueza material e de espírito. "Com o tempo", ouvi-o falar para a mãe, "Evelyn me pagará de volta multiplicado por mil." Contudo, havia algo interessante nela. Se eu tivesse na posição de gostar das pessoas, talvez pudesse gostar muito de Evelyn.

"Parem de cantar!" ela gritou. Havíamos adentrado a floresta. "Sejam todos bem-vindos." Fizemos uma reverência. Vau, que não caçoara de nada até aqui, curvou-se até o chão. "Agora, sentem-se." Sra. Affluent—por favor—a senhora sentaria apoiada naquela árvore de tronco verde? Ressaltará o seu lindo vestido."

"Muito bem, minha querida, eu irei", disse a Sra. Affluent.

"Anna—aqui. Sr. Inskip, ao lado dela. Agora vocês, Ruth e Sra. Osgood. Ah, Harcourt—sente um pouco mais para frente para esconder a casa. Não quero ver a casa de forma alguma."

"Não!" riu o amante, "também quero me apoiar em uma árvore."

"Srta. Beaumont, onde devo me sentar?" perguntou Vau, prestando continência como um soldado.

"Ah, olhem só esse excesso de Affluents!" gritou Evelyn, "e um pequeno Vau no meio deles!" Ela estava em um estado de civilização que aprecia um bom trocadilho.

"Devo ficar de pé, Srta. Beaumont? A casa fica escondida se eu ficar em pé?"

"Sente-se, Jack! Que infantilidade." gritou o responsável legal ao interrompê-lo com um tom áspero desnecessário.

"Ele pode muito bem ficar de pé se assim quiser", disse ela. "Só vista o chapéu de novo, Sr. Vau. Como uma auréola. Isso. Agora você está tapando até mesmo a fumaça da chaminé. E ele o deixa deslumbrante."

"Evelyn! Evelyn! Você exige demais do garoto. Vai acabar por aborrecê-lo. Ele é um rato de biblioteca. E tão franzino. Deixe-o sentar."

"Você não é forte?" ela perguntou.

"Sou, sim!" gritou. E é bem verdade. Vau não tem nenhum motivo para ser forte, mas é. Ele nunca levantou pesos nem jogava peteca na escola. Mesmo assim, os músculos apareceram. Acredita terem vindo ao ler Píndaro.

"Então que fique de pé, se não for incômodo."

"Evelyn! Evelyn! Menina egoísta e infantil! Se o coitado do Jack se cansar, trocarei de lugar com ele. Por que você não quer ver a casa, hein?"

A Sra. Affluent e a jovem Srta. Affluent se moviam incomodadas. Conseguiam ver que o seu amado Harcourt não estava contente. Era obrigação de Evelyn acabar com o descontentamento dele, e por isso, então, lançaram-lhe um olhar.

"Bem, por que você não quer ver nossa futura casa? Devo dizer—apesar de tê-la planejado praticamente sozinho—que daqui ela parece muito bonita. Em especial o gablete. Senhorita! Responda-me!"

Senti pena da Srta. Beaumont. Uma decoração de parede caseira é horrível de se ver, e a mansão de Harcourt parecia uma cabana inchada de hidropisia. Mas o que ela poderia dizer?

Disse nada.

"Então?"

Foi como se ele não tivesse falado nada. Ela estava tão feliz, sorridente e bela como sempre, e não disse nada. Não havia entendido que uma pergunta necessita de uma resposta.

Para nós, a situação estava insuportável. Com tato, tive de intervir falando da vista, que me lembrava do campo perto de Veios. Na verdade, não parecia— não tinha como parecer, uma vez que nunca passei perto de Veios. Entretanto, faz parte do meu método soltar referências clássicas. De qualquer maneira, resgatei os ânimos de todos.

A Srta. Beaumont, enfim, tornou a ficar séria e racional. Perguntou-me de quando datava Veios, o que respondi de forma apropriada.

"Realmente gosto dos clássicos", informou. "Soam tão genuínos. São apenas anotações."

"Cla—ro", complementei. "Mas os clássicos também contam com a poesia além da prosa. Eles são mais do que um registro dos fatos."

"Apenas anotações", disse a Srta. Beaumont, que sorriu como se a definição tola lhe agradasse.

Harcourt voltara a si mesmo. "Uma crítica muito sensata", disse. "É como sempre me sinto sobre o mundo antigo. Só nos serve até certo ponto. São apenas anotações."

"O que você quer dizer com isso?" perguntou Evelyn.

"É isso que quero dizer—apesar de soar presunçoso falar na presença do Sr. Inskip. É bem isso. Os clássicos não são tudo. Devemos a eles enormemente; longe de mim depreciá-los; eu também passei por eles no colégio. São cheios de elegância e beleza. Mas não são tudo. Eles foram escritos antes dos homens terem sentimentos verdadeiros." Harcourt enrubesceu de vergonha. "Daí vem a tranquilidade da arte clássica—a sua falta de—de alguma coisa. Enquanto os mais modernos—como Dante—a Madona Sistina de Rafael—alguns compassos de Felix Mendelssohn——" A voz dele esvaneceu por respeito. Sentávamos olhando para o chão, evitando olhar para a Srta. Beaumont. É uma verdade não dita que ela também sofre da falta de alguma coisa. Ela ainda não desenvolveu a própria alma.

O silêncio foi interrompido pela voz fina, porém firme, da Sra. Affluent dizendo que estava morta de fome.

A jovem anfitriã levantou em um pulo. Ela não deixaria ninguém ajudar: a celebração era dela, que abriu a cesta, tirou os biscoitos e as laranjas dos sacos, ferveu a água e serviu o chá—que estava péssimo. Mesmo assim, rimos e conversamos com a trivialidade exigida ao ar livre, e até mesmo a Sra. Affluent soltou as rédeas com um sorriso no rosto. Acima de todos nós, encontrava-se o quieto aspecto cavalheiresco de Vau bebendo chá cautelosamente para não prejudicar a postura. O Sr. Affluent, comediante que é, caçoou dele e lhe fez cócegas nos cotovelos e panturrilhas.

"Bom, que dia agradável!" disse a Srta. Beaumont. "Estou feliz."

"O bosque é seu, Evelyn!" disseram as mulheres.

"Para sempre!" clamou Sr. Affluent. "Um arrendamento de noventa e nove anos é um acordo precário. Não traz sentimento de permanência algum. Reabri as negociações. Comprei-lhe a terra para todo o sempre—tudo bem, querida, tudo bem, não faça muito alarde."

"Mas eu devo!" gritou. "Tudo está perfeito! Todos tão gentis—e nem conheço a maioria de vocês há mais de um ano. Ah, tão maravilhoso— e agora o bosque—um bosque só meu—um bosque para sempre. Todos vocês vindo tomar chá aqui comigo! Caro Harcourt—caros amigos—e exatamente onde a casa poderia estragar tudo, está o Sr. Vau."

"Rá!" riu Sr. Affluent, que voltou com as mãos ao tornozelo do garoto. O que aconteceu, não sei, mas Vau desabou no chão com um grito agudo. Poderia soar como um grito de raiva ou de dor para um desconhecido. Nós, que entendemos o que aconteceu, rimos copiosamente.

"Caiu com tudo! Com tudo!" e então começaram a brincar de luta, chutando cogumelos e folhas secas.

"Parem de machucar o meu bosque!" bradou Srta. Beaumont.

Vau soltou outro grito alto. O Sr. Affluent retirou a mão. "Vitória!" ele exclamou. "Evelyn! Contemple-me, o vencedor!" Mas a Srta. Beaumont, com seu jeito de borboleta, nos deixara, e foi passear para dentro do bosque.

Juntamos o jogo de chá e nos dividimos em grupos. Vau foi com as mulheres. Sr. Affluent fez as honras de se juntar a mim.

"Então?" disse ele, fazendo jus à sua frase de sempre, "como vão os clássicos?"

"Bem, obrigado."

"A Srta. Beaumont demonstra algum talento para eles?"

"Devo dizer que sim. Com certeza demonstra ser uma entusiasta."

"Não acha ser o entusiasmo de uma criança? Vou ser honesto com você, Sr. Inskip. De muitas formas, a Srta. Beaumont é quase uma criança. Ela tem muito a aprender, o que ela também reconhece. A nova vida é tão diferente—tão estranha. Aos nossos hábitos—nossos pensamentos—ela tem de ser introduzida a todos eles."

Sabia onde ele queria chegar, mas como não sou nenhum tolo, respondi: "E como ela poderia ser melhor introduzida que pelos clássicos?"

"Exato, exato," disse Sr. Affluent. Ouvimos a voz dela à distância. Estava contando as árvores de faia. "A pergunta é—com latim e grego—o que ela vai fazer? Vão servir de algo? Talvez para—bom, não é como se ela fosse ensiná-los para outros."

"Verdade." E minha expressão pode ter se mostrado indecisa.

"Mesmo assim, sabendo tão pouco, posso garantir que ela tem entusiasmo. Mas não deveríamos desviar esse entusiasmo para, digamos, literatura inglesa? Ela mal conhece um pouco de Tennyson. Ontem à noite no conservatório de casa, li para ela aquela magnífica cena entre Artur e Genebra. Grego e latim são ótimos, mas às vezes sinto que deveríamos começar do início."

"Você acredita que os clássicos são um luxo para a Srta. Beaumont?", perguntei.

"Um luxo. Essa é a palavra exata para isso, Sr. Inskip. Um luxo. Um capricho. É muito apropriado para Jack Vau. E aqui vamos nós de encontro a outro problema. Ela está prejudicando o Jack, não? O conhecimento dela é básico demais para aprender junto dele."

"Bom, o conhecimento dela é, de fato, básico, e devo admitir que é difícil tê-los na mesma turma. Jack já leu bastante, de um modo ou de outro, enquanto a Srta. Beaumont, apesar de diligente e entusiasmada——"

"É isso que tenho pressentido. O nosso acordo não está sendo justo para o Jack?"

"Bom, devo admitir——"

"De fato. Nunca deveria ter sugerido. Isso tem de acabar. Mas claro que não haverá nenhuma diferença de pagamento para você, Sr. Inskip, com um aluno a menos."

"As lições devem acabar de imediato, Sr. Affluent."

Neste momento, ela veio até nós. "Harcourt, há setenta e oito árvores. Contei até esse número."

Ele olhou para baixo e sorriu para ela. Agora lembrei de contar que se trata de um homem alto e esbelto, com um queixo proeminente e de olhos castanhos e brilhantes, além de uma testa larga e cabelos sem um fio branco sequer. Poucas coisas são tão impressionantes quanto uma fotografia do Sr. Harcourt Affluent.

"Setenta e oito árvores?"

"Setenta e oito."

"Você está satisfeita?"

"Ah, Harcourt——!"

Comecei a guardar o jogo de chá. Ambos me viram e escutaram. A culpa é completamente deles por não seguirem em frente.

"Estou ansioso por uma ponte," disse ele. "Uma ponte rústica ao fim, e então, talvez, uma trilha de asfalto que vai pela pradaria, desde a casa, para que possamos caminhar aqui durante todas as estações sem nos molharmos. Os jovens casais costumam vir a esse bosque—olhe todas essas iniciais—pensei em colocar uma cerca simples para prevenir a entrada de——"

"Harcourt!"

"Uma simples cerca", continuou, "como a que cerca meu jardim e minhas terras. Já do outro lado do bosque, longe da casa, colocaria um portão que precisaria de uma chave—duas chaves, acho—uma para mim e uma para você—nenhuma a mais; e eu traria a trilha de asfalto——"

"Mas Harcourt! ——"

"Mas Evelyn!"

"Eu—Eu—Eu——?"

"Você—você—você——?"

"Eu não quero uma trilha de asfalto."

"Não? Talvez tenha razão. De concreto, talvez. Ou até mesmo de cascalho."

"Mas Harcourt — eu não quero trilha alguma. Uma—uma trilha sairia caro demais para mim."

Sr. Affluent gargalhou triunfante. "Minha amada! Não precisa se incomodar. A trilha é parte do meu presente para você."

"O bosque é o presente," disse Srta. Beaumont. "Você sabe disso—não gosto da ideia de uma trilha. Gostaria de sempre vir aqui como viemos hoje. E não quero uma ponte. Não. Nem uma cerca. Não me importo com os garotos e as iniciais. Eles e as garotas sempre vieram a Outro Reino e entalharam as iniciais juntas nos troncos, o que marca a quarta validação do relacionamento. Não quero que isso tenha fim."

"Argh!" Ele apontou para um coração enorme atingido por uma flecha. "Argh! Argh!" Tenho a impressão de que ele estava ganhando tempo.

"Eles talham os nomes e vão embora, e quando a primeira criança nasce, retornam e cortam mais fundo. Uma vez para cada filho. É assim que se descobre: as iniciais que se afundam na madeira são de pais e mães de grandes famílias, e os riscos que logo se fecham são meninos e meninas que nunca chegaram a se casar."

"Você é uma pessoa incrível! Vivi aqui minha vida inteira e nunca soube disso. Belo folclore em Hertfordshire! Preciso contar ao Arquidiácono, ele irá se alegrar——"

"E Harcourt, não quero que isso tenha fim."

"Minha querida, as pessoas do vilarejo encontrarão outras árvores! Não há nada de especial em Outro Reino."

"Mas——"

"Outro Reino será nosso. Seu e meu. Apenas para as nossas iniciais." A voz dele baixou para um sussurro.

"Não quero que seja cercado." O rosto dela estava virado para mim; aturdido e assustado. "Odeio cercas. E pontes. E todas as trilhas. O bosque é meu. Imploro. Você me deu o bosque."

"Sim, dei!" ele respondeu, acalmando-a. Mas era visível que estava agitado. "Mas é claro. Mas ah, Evelyn! A pradaria é minha e tenho o direito de cercar lá—entre o meu domínio e o seu!"

"Oh, me deixe fora da cerca se quiser! O quanto desejar! Mas nunca dentro. Oh, Harcourt, nunca dentro. Preciso estar do lado de fora, preciso estar onde qualquer um me alcance. Todos os anos—enquanto as iniciais se aprofundam—o único sentimento que vale a pena sentir—e por fim se fecham—pelo menos foi sentido."

"Nossas iniciais!" ele murmurou, agarrando-se à única palavra que entendera e que foi útil para ele. "Talhemos nossas iniciais agora mesmo. Você e eu—e um coração, se desejar, e uma flecha e tudo mais. H.A.—E.B."

"H.A.," ela repetiu, "e E.B."

Ele pegou um canivete e se distanciou dela em busca de uma árvore imaculada. "E.B., Eterna Bênção. Tudo meu! O meu refúgio deste mundo! Meu tempo de pureza. Ah, a exaltação espiritual—você não consegue entender, mas irá! Ah, a reclusão do Paraíso. Ano após ano, só nós dois, tudo um para o outro—ano após ano, de minha alma para a sua, E.B., Eviterno Bem!"

Ele foi com a mão para talhar as iniciais. Ao fazer isso, Evelyn pareceu acordar de um sonho. "Harcourt!" gritou, "Harcourt! O que é isso? O que é esse vermelho nos seus dedos?"

III

Oh, meu deus! Santo cristo e espírito santo! Está uma confusão isso aqui. O Sr. Affluent leu o caderno perturbador do Vau.

"A culpa é minha", disse Vau. "Deveria ter colocado uma etiqueta na capa escrito "Praticamente privado". Como poderia ele saber que não deveria ter lido?"

Me impus com firmeza, como um bom contratado. "Nada disso, jovem. A etiqueta com o aviso desgrudou. Por isso o Sr. Affluent abriu o caderno. Ele nunca pensou que fosse privado. Olhe—a etiqueta caiu."

"Foi arrancada." respondeu Vau com tristeza, e olhou para o tio.

Finjo não compreender. "A questão é que o Sr. Affluent estará refletindo sobre o assunto por vinte e quatro horas. Se fosse você, pediria desculpas antes disso."

"Senão?"

"A vida é sua, é claro. Mas não esqueça que é jovem, sabe quase nada da vida e mal tem dinheiro no próprio nome. Ao que me parece, sua carreira depende basicamente dos favores do Sr. Affluent. Você o desrespeitou. Ele não gosta de ser desrespeitado. A resolução disso parece ser óbvia."

"Um pedido de desculpas?"

"Um pedido completo."

"Senão?"

"Parta de imediato."

Sentou-se nos degraus de pedra e apoiou a cabeça nos joelhos. No quintal abaixo de nós se encontrava a Srta. Beaumont passeando com uma bola de croquet. Seu amante estava lá fora na pradaria fiscalizando o trajeto da trilha de asfalto. Pois a trilha será de fato construída, assim como a ponte e a cerca que fará o contorno em volta de Outro Reino no fim das contas. A tempo, a Srta. Beaumont percebeu o quão irracionais eram suas objeções. Uma noite, na sala de visitas, ela mesma deu permissão ao Harcourt para que fizesse o que queria. "O bosque parece estar mais próximo", disse Vau.

"As cercas daqui se foram, por isso parece mais próximo. Mas meu jovem—você deve decidir o que irá fazer."

"Quanto ele leu?"

"É evidente que ele mal abriu o caderno. Pelo que você me mostrou, uma olhada seria o suficiente."

"Ele abriu na parte dos poemas?"

"Poemas?"

"Ele mencionou os poemas?"

"Não mencionou. Eram sobre ele?"

"Não eram sobre ele."

"Então não interessa se ele os viu."

"Às vezes é uma honra ser mencionado", disse Vau ao olhar em minha direção. O comentário teve uma essência de afronta—a mesma essência que se agarra à boca após um gole de um bom vinho. Não parecia ter vindo de um garoto. Achava lamentável meu pupilo estar prestes a arruinar a própria carreira; e lhe disse que o melhor era se desculpar.

"Não vou falar sobre o direito do Sr. Affluent a um pedido de desculpas. É um assunto sobre o qual não gostaria de tratar. A questão é, se você não pedir desculpas, para onde vai?"

"Para uma tia minha em Peckham."

Apontei para a paisagem agradável e confortante cheia de gado e cavalos no campo, e criados corteses. No meio de tudo estava o Sr. Affluent, radiando vigor e riqueza como um sol terrestre. "Meu caro Vau—não seja orgulhoso! Peça desculpas."

Infelizmente, havia falado um pouco mais alto que deveria, e a Srta. Beaumont me escutou lá do jardim.

"Desculpas?" ela gritou. "Pelo quê?" Nem um pouco interessada pelo jogo, subiu as escadas até nós arrastando a marreta de croquet. Ela andava agora um tanto apática. Finalmente estava se acalmando.

"Vamos para dentro!" sussurrei. "Temos que escapar disso."

"Não mesmo!" disse Vau.

"O que foi?" ela perguntou ao chegar no degrau em que ele estava.

Ele engoliu em seco ao olhar para ela. E então entendi. Soube da natureza dos poemas. Não estava mais tão certo de que ele deveria pedir perdão. Era melhor que fosse expulso do lugar o quanto antes.

Apesar de meus protestos, contou-lhe sobre o caderno, e a primeira reação vinda dela foi "Oh, deixe-me ver!" Ela não tinha "postura certa" alguma. E então disse: "Mas por que essas caras tão tristes?"

"Estamos esperando pela decisão do Sr. Affluent", disse.

"Sr. Inskip! Que bobagem! Acha que Harcourt ficará brabo?"

"Mas é claro que sim, e com razão."

"Mas por quê?"

"Vau riu dele."

"Mas e daí?" E pela primeira vez ela falou com um tom de raiva. "Quer dizer que ele punirá alguém que ri dele? Por quê? Por que mais—por quais outros motivos estamos todos aqui, se não para rirmos uns dos outros? Eu rio das pessoas o tempo todo. Do Sr. Vau. De você. Assim como o Harcourt. Ah, vocês o julgam mal! Ele não iria—não conseguiria ficar brabo com alguém que apenas riu."

"A minha não é uma boa risada", disse Vau. "Ele poderia muito bem não me perdoar."

"Você é um garoto tolo", ela disse com uma risada. "Você não conhece o Harcourt, o quão generoso ele é. Aliás, ele ficaria tão furioso quanto eu ao ouvir um pedido de desculpas. Não acha, Sr. Inskip?"

"Acredito que ele tenha todo o direito a um pedido de desculpas."

"Direito? O que é um direito? Você usa novas palavras demais. 'Direitos, desculpas, sociedade, posições'—não consigo entender. Qual o nosso propósito aqui, afinal?"

O discurso dela estava repleto de luzes e sombras trêmulas—leviano em um instante, e no próximo perguntava sobre a existência da Humanidade. Não estudei filosofia o suficiente, então não lhe respondi.

"De uma coisa estou certa—Harcourt não é tão tolo quanto vocês dois. Ele se mantém acima das normas, não se importa com 'direitos' e 'desculpas.' Ele sabe que toda risada é boa, e que dinheiro, a alma etc. são as outras coisas boas."

A alma etc.! Não sei como Harcourt não teve um ataque fulminante lá na pradaria.

"Nossa, que tristeza seria a vida de vocês", ela continuou, "se ficassem se ofendendo e se desculpando o tempo inteiro! Quarenta milhões de pessoas nessa Inglaterra, e todas ressentidas! Quantas risadas seriam dadas se isso fosse verdade! Imaginem só!" E se pôs a rir. "Mas olhem para Harcourt. Ele entende. Ele não é mesquinho assim. Sr. Vau, ele não é. Mas o que foi, o que aconteceu com seus olhos?"

Mais uma vez, ele apoiou a cabeça nos joelhos, e não se conseguia mais enxergar seus olhos. Em um tom imparcial, ela me contou que talvez Vau estivesse chorando. Então ela afagou a cabeça dele com a marreta e disse: "Bebê chorão! Bebezão chorão! Chorando por nada!" e disparou correndo e rindo pelos degraus. "Está bem!" gritou do quintal. "Diga ao bebê chorão que pare. Falarei com o Harcourt!"

Assistimos a ida dela até lá em silêncio. Vau nem havia chorado. Estava apenas com os olhos raivosos e arregalados. Usou todas as palavras de baixo calão que conhecia, se levantou de forma brusca e se foi até a casa. Acho que ele não conseguiria suportar vê-la desiludida. Eu não tinha esse tipo de ternura, então observei com interesse a Srta. Beaumont abordar seu Senhor.

Ela andou com confiança pela pradaria, cumprimentando os criados que levantavam os chapéus. A languidez dela havia passado, assim como as efêmeras "boas maneiras". Tornou a ser a mesma pessoa bruta e mal-educada que Harcourt recolhera da Irlanda—bela e absurda ao extremo, e—se tiver gosto por *pathos*—extremamente patética.

Vi o encontro dos dois, e logo mais estava de braços dados com ele. O movimento das mãos dele explicava a construção de pontes. Interrompeu-o duas vezes; teve de explicar tudo de novo. Então, ela conseguiu falar o que queria, e o que seguiu após era melhor que qualquer peça de teatro. Ao longe, os dois corpos se distanciavam e se encontravam e se distanciavam novamente, ela gesticulando, ele pomposo e calmo. Ela implorava e argumentava e—se sátiras facilitam alguma coisa—ela tentou ser satírica. Para provar um dos argumentos infantis, recuou dois passos para trás. Tchibum! Ela se debatia no pequeno córrego.

Esse foi o ápice do humor. Harcourt a resgatou enquanto os criados se reuniram na volta agitados. Estava molhada até quase os joelhos e cheia de lama nos tornozelos. Nesse estado, era trazida em minha direção, até que consegui escutar algumas palavras: "Gripe—uma leve imersão—roupas não são nada comparadas à saúde—reze, minha querida, não se preocupe—, claro, deve ter sido um choque—cama! cama! Insisto! Promete? Boa menina. Suba para o quarto, então."

Separaram-se no quintal, e ela veio obediente pelas escadas. O rosto repleto de horror e perplexidade.

"Molhou as calças, hein, Srta. Beaumont!"

"Molhar? Ah, sim. Mas Sr. Inskip—Não entendo, eu falhei."

Expressei surpresa.

"O Sr. Vau terá de ir—para sempre. Eu falhei."

"Sinto muito."

"Decepcionei Harcourt. Ele se ofendeu e não irá rir. Não me deixará fazer o que quiser. Tudo começou com latim e grego: queria saber sobre deuses e heróis e ele não me deixou, depois eu não quis uma cerca em volta de Outro Reino, nem uma ponte, nem uma trilha—e olha só agora! Pedi que o Sr. Vau, que não tem culpa de nada, não fosse punido—e ele irá embora para sempre."

"Impertinência não é pouca coisa, Srta. Beaumont." Preciso me manter ao lado de Harcourt.

"Impertinência é pouca coisa!" ela gritou. "Não existe. É uma farsa, assim como 'exigências', 'posições' e 'direitos'. É parte do grande sonho."

"Que 'grande sonho'?" perguntei na tentativa de segurar o riso.

"Diga ao Sr. Vau—aí vem Harcourt; tenho de ir para cama. Mande um beijo para o Sr. Vau e diga a ele para 'adivinhar'. Nunca mais o verei e não serei capaz de suportar isso. Diga a ele para adivinhar. Sinto muito por tê-lo chamado de bebê chorão. Não chorava como um bebê, mas sim como uma pessoa adulta, e agora eu também cresci."

Decidi que o certo era levar essa conversa até meu empregador.

IV

A ponte está pronta e a cerca erguida, e Outro Reino se encontra acorrentado à porta da frente de casa por uma tira de asfalto. As setenta e oito árvores lá de dentro parecem estar mais perto, com certeza, e durante as noites de vento forte subsequentes à partida de Vau, escutávamos os suspiros dos galhos e pela manhã descobríamos que folhas das faias haviam sido assopradas com força contra a casa. Não houve tentativa da Srta. Beaumont de sair da casa, para alívio das mulheres, pois Harcourt ordenara que não saísse desacompanhada, e o clima tempestuoso destruiria as saias delas. Srta. Beaumont permaneceu em casa, sem ler ou sorrir, e não mais vestindo verde, e sim marrom.

Ao não perceber a presença dela, o Sr. Affluent apareceu um dia e disse aliviado: "Está tudo bem. O círculo está completo."

"Está mesmo!" ela respondeu.

"É você aí, quieta como uma ratinha? Quis dizer apenas que os nossos prezados trabalhadores ingleses enfim aceitaram finalizar o trabalho e nos isolaram do mundo. Acabei—no fim, acabei sendo cruel, um tirano autoritário, e a desobedeci. Não mandei construir o portão do outro lado do bosque. Perdoe-me, por favor!"

"Tudo que lhe agrada, Harcourt, com certeza irá me agradar também."

As moças sorriram uma para a outra, e o Sr. Affluent disse: "É verdade, e assim que o vento passar, iremos todos juntos ao seu bosque; e tomaremos posse dele formalmente, pois a última vez não contou de verdade."

"Não, a última vez não contou de verdade", repetiu a Srta. Beaumont.

"Evelyn diz que o vento nunca passará", comentou a Sra. Affluent. "Não faço ideia de como ela saberia disso."

"Nunca vai passar, não enquanto eu estiver dentro de casa."

"É mesmo?" disse ele feliz. "Então vá lá para fora, e comigo ao seu lado, ordene-o que pare."

Eles deram algumas voltas para cima e para baixo do terraço. O vento se acalmou por um instante, mas soprou mais feroz que nunca durante o almoço. Ao comermos, rugia e murmurava para nós através da chaminé, e as árvores de Outro Reino espumavam como o mar. Folhas e galhos se desprendiam delas, e um ramo de tamanho considerável foi jogado na lisa trilha de asfalto e notadamente ricocheteou para cima da ponte, passou pela pradaria e chegou até nosso jardim. (Arrisco-me a dizer "nosso", agora que continuarei como secretário de Harcourt). Apenas os degraus de pedra impediram-no de alcançar o terraço e de talvez quebrar a janela da sala de jantar. A Srta. Beaumont levantou-se em um salto e, ainda com um guardanapo na mão, correu para tocá-lo.

"Oh, Evelyn——" as moças gritaram.

"Deixem-na ir", disse o Sr. Affluent, tolerante. "De fato é um incidente memorável. De fato memorável. Devemos nos lembrar de contar ao Arquidiácono sobre isso."

"Harcourt", gritou ela com os primeiros sinais de alguma cor retornando ao rosto, "por que não vamos até o bosque depois do almoço, você e eu?"

Sr. Affluent pensou um pouco.

"A não ser que você ache uma má ideia, é claro."

"Inskip, o que você acha?"

Vi o que ele mesmo estava pensando, e clamei "Ah, vamos!" apesar de detestar o vento tanto quanto qualquer um.

"Muito bem. Mãe, Anna, Ruth, Sra. Osgood—todos iremos."

E assim fomos, uma procissão soturna; mas os deuses dessa vez tiveram misericórdia, pois assim que demos início, a tempestade cessou, e uma calmaria extraordinária tomou conta. Afinal, a Srta. Beaumont era meio que uma profetisa do tempo. O ânimo dela melhorava a cada minuto. Saltitava na nossa frente pelo caminho de asfalto e com frequência se virava para dizer algo gracioso ou encantador para seu amado. Admirei-a por isso. Admiro pessoas que sabem fazer o vento soprar a favor delas.

"Evelyn, venha cá!"

"Venha você aqui."

"Dê-me um beijo."

"Então venha e roube-o."

Ele foi atrás dela, que fugiu enquanto todo o grupo ria em harmonia.

"Oh, estou tão feliz!" ela bradou. "Creio ter tudo que quero no mundo inteiro. Ó, céus, aqueles últimos dias dentro de casa! Mas agora, ah, agora estou tão feliz!" Trocara o vestido marrom pelo verde leve e antigo, e começou sua dança com a saia, pela pradaria, acesa por súbitos raios de sol. Era de fato uma linda vista, e o Sr. Affluent não a repreendeu, talvez estivesse feliz de vê-la recuperar os ânimos, mesmo perdendo a postura. Os pés dela mal se mexiam, porém, o corpo balançava tanto, e o vestido se espalhava em volta dela de uma maneira tão magnífica, que estávamos repletos de alegria. Ela dançava ao som do canto abrasador de um pássaro em Outro Reino, e o riacho—supostamente—segurou as ondas atrás de si para que não atrapalhassem a vista, e os ventos permaneciam fascinados nas cavernas, assim como as nuvens no céu. Ela dançou para longe de nossa sociedade e de nossa vida, para outrora, através dos séculos até que as casas e cercas caíssem e a terra permanecesse deserta junto ao sol. A roupa era um adorno de folhas sobre ela, a força dos membros como ramos densos e a garganta como o tranquilo galho superior que saúda a manhã e cintila para a chuva. As folhas se mexem e escondem esse galho assim como a sua garganta estava escondida pelo movimento do cabelo. As folhas se mexem mais uma vez, e o galho é nosso assim como a garganta era nossa novamente quando, ao remover o cabelo embaraçado dos olhos, nos encarou chorando, "Oh!" disse soluçando, "Oh, Harcourt! Nunca fui tão feliz. Tenho tudo que existe no mundo."

Porém ele, envolvido no êxtase do amor, esquecendo de certas Madonas de Rafael, esquecendo, imagino, da própria alma, pulou para abraçá-la com "Evelyn! Eviterna Benção! Minha por toda a eternidade! Minha!" e ela fugiu para longe. Surgiu uma música e ela cantou "Oh, Vau! Oh, Vau, dentre todos esses Affluents, é você quem estou atravessando em direção ao meu Reino. Oh, Vau, meu amado enquanto eu era mulher, nunca lhe esquecerei, nunca, enquanto tiver galhos para protegê-lo do sol," e, cantando, atravessou o riacho.

O motivo de tê-la seguido com tanta paixão, eu não sei. Era um jogo, ela estava nos domínios dele, encurralada por uma cerca, e não existia a possibilidade de escapar dele. Mas ele se lançou para a ponte como se o amor deles estivesse em jogo e a perseguiu com ardor pela colina. Ela corria bem, mas o fim já estava contado, e apenas especulávamos se ela seria pega fora ou dentro do bosque. Aproximava-se mais dela a cada metro; e agora adentravam o bosque fechado; quase a alcançara, mas falhara; e ela desaparecera para dentro das próprias árvores, e ele logo atrás.

"Harcourt está de ótimo humor", disseram a Sra. Osgood, Anna e Ruth.

"Evelyn!" o ouvimos gritar lá de dentro.

Seguimos a trilha de asfalto.

"Evelyn! Evelyn!"

"Não a alcançou ainda, pelo visto."

"Onde você está, Evelyn?"

"A Srta. Beaumont deve ter se escondido de forma bem astuta."

"Digam-me", bradou Harcourt ao sair, "vocês viram a Evelyn?"

"Não, não, ela com certeza está lá dentro."

"Como havia pensado."

"Evelyn deve estar se escondendo atrás de algum tronco. Vão por esse lado, eu vou por aquele. Em breve a acharemos."

No início, procuramos entusiasmados e sempre com a impressão de que a Srta. Beaumont estava por perto, que os membros delicados estavam logo atrás dessas raízes, o cabelo e o tecido balançando dentre as folhas. Estava ao nosso lado, acima de nós; aqui estava a pegada dela na terra meio roxa, meio marrom—o peito, o pescoço—estava por tudo e em lugar nenhum. O entusiasmo se tornou irritação, que se transformou em raiva e medo. A Srta. Beaumont parecia estar desaparecida. "Evelyn! Evelyn!" continuamos a gritar. "Ah, mas agora a piada passou dos limites."

Então o vento aumentou, mais violento ainda que antes, e fomos coagidos até a casa por uma tempestade devastadora. Dissemos "ela com certeza retornará agora." Mas ela não voltou, e a chuva assobiava, levantava da pradaria seca como fumaça de incenso e golpeava as folhas balançantes como aplausos. E então trovejou. As moças gritaram, e vimos Outro Reino como se aplaudisse com as mãos e o ouvimos como se rugisse com risadas de trovão. Nem mesmo o Arquidiácono consegue se lembrar de uma tempestade assim. Todas as mudas de Harcourt foram arruinadas, e as telhas voaram do telhado por todos os lados. Nesse momento, ele veio até mim com uma expressão pálida e derrotada e disse: "Inskip, posso confiar em você?"

"É claro que sim."

"Suspeito disso há tempos; ela debandou com Vau."

"Mas como——" arquejei.

"A carruagem está pronta—conversaremos no caminho." Então, gritou contra a chuva: "Não há um portão na cerca, sei bem, mas e uma escada? Enquanto fico aqui feito um tolo, ela está subindo a cerca, e ele——"

"Mas o Senhor estava quase lá. Não houve tempo para isso."

"Há tempo para tudo," disse ele em tom maldoso, "quando se trata de uma mulher traidora. Encontrei-a na condição de uma selvagem, treinei-a, eduquei-a. Mas arruinarei ambos. Posso fazê-lo; arruinarei tanto na alma quanto no corpo."

Ninguém pode arruinar Vau agora. É uma missão impossível. Mas temi pela Srta. Beaumont.

Perdemos o trem. Casais jovens passavam, vários deles, e ouvimos falar de mais deles em Londres, como se o mundo todo zombasse da solidão de Harcourt. No desespero, fomos até a zona sórdida onde Vau mora no momento. Passamos por cima da empregada imunda e da tia alarmada e subimos as escadas para, se possível, pegá-lo em flagrante. Estava sentado à mesa lendo "Édipo em Colono", de Sófocles.

"Isso não me engana!" gritou Harcourt. "A Srta. Beaumont está aqui, eu sei disso."

"Está sem sorte," disse Vau.

Ele gaguejou de raiva. "Inskip—ouviu isso? 'Sem sorte'! Conte-o sobre as evidências. Não consigo falar."

Com isso, repeti a canção dela "'Oh, Vau! Oh, Vau, dentre todos esses Affluents, estou atravessando você para meu Reino. Oh, Vau, meu amado enquanto eu era mulher, nunca lhe

esquecerei, nunca, enquanto tiver galhos para protegê-lo do sol.' Perdemos ela de vista logo após."

"E— em outra ocasião, ela deixou uma mensagem de efeito parecido. Inskip é testemunha. Era para ele 'adivinhar' alguma coisa."

"E adivinhei", disse Vau.

"Então você praticamente——"

"Oh, não, Sr. Affluent, você se engana. Não adivinhei nada praticamente. Adivinhei e pronto. Contaria se quisesse, mas isso não traria nada de bom, pois ela não escapou de você praticamente. Ela escapou de você inteiramente, para todo o sempre, enquanto existirem galhos para proteger os homens do sol."